

CRONOTOPO – A TEORIA BAKHTINIANA EM SALA DE AULA

Solange Ugo Luques¹

RESUMO

Este estudo sugere a abordagem e a aplicação em análises textuais em sala de aula do conceito bakhtiniano de cronotopo, ou seja, a conexão intrínseca entre relações temporais e espaciais expressas na literatura, que faz a ligação entre o mundo real e o representado. Acredita-se que conhecer e aplicar tal conceito na análise de textos de gêneros diversos sejam atividades que possam contribuir para uma compreensão mais profunda de como se organiza, nesses textos, sua enunciação, essa que, segundo Bakhtin ([1929] 2002), é de natureza social e, portanto, reflete o meio social em que se insere. Utilizando o procedimento da *sequência didática*, de Dolz e Schneuwly (2004), uma breve análise do conto *Uma galinha*, de Clarice Lispector, exemplifica a prática, proposta com o objetivo de desvendar um número maior de sentidos possíveis para a materialidade discursiva presente no *corpus* em questão.

Palavras-chave: Bakhtin, Cronotopo, Tempo e espaço, Enunciação, Análise textual.

ABSTRACT

This study suggests the approach and implementation in classroom textual analysis of the bakhtinian concept of the chronotope, i.e., the intrinsic connection between temporal and spatial relationships expressed in literature, which links the real world to the represented one. It is believed that knowing and applying this concept in the analysis of texts of various genres are activities that may contribute to a deeper understanding of the organization of these texts statement, which, according to Bakhtin ([1929] 2002), is of social nature and, therefore, reflects the social environment in which is inserted. Using Dolz and Schneuwly (2004) didactic sequence procedure, a brief analysis of the short story *A chicken*, by Clarice Lispector, exemplifies the practice, proposed in order to reveal a larger number of possible meanings for the discursive materiality present in the corpus at issue.

Keywords: Bakhtin, Chronotope, Time and space, Statement, Text analysis.

¹ Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-FFLCH/USP, São Paulo, SP, Brasil. luquesol@hotmail.com

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Mikhail Bakhtin (1997)

Considerações iniciais

A sala de aula é um lugar privilegiado em que se pode dar continuidade à busca bakhtiniana pela compreensão das formas de produção de sentido e do funcionamento discursivo, principalmente porque nela circulam diversas manifestações da linguagem humana, de cunho literário ou uso cotidiano. Dentre inúmeras perspectivas possíveis, a proposta aqui é examinar tais manifestações discursivas, à luz da propriedade dialógica da língua estabelecida por Bakhtin, por meio da abordagem do conceito de *cronotopo*, também proposto por esse autor.

Brait (2006: 94), ao comentar a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin/Voloshinov, define-a como “um livro sobre as relações entre linguagem e sociedade”, em que se entende a enunciação intrinsecamente ligada às condições de comunicação e estas, por sua vez, às estruturas sociais. Tais ideias, segundo a autora, ancoram a questão bakhtiniana do dialogismo, apontando sua “dupla e indissolúvel dimensão”. Ela diz:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. (BRAIT, 2006: 94)

É por considerar a natureza social da linguagem – e o meio social como centro organizador de toda enunciação (BAKHTIN, [1929] 2002: 121) –, a enunciação dependente das condições de comunicação e a evolução histórica da língua na comunicação verbal concreta que Bakhtin propõe que a ordem metodológica para o estudo da língua observe, especialmente, “as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.” (BAKHTIN, [1929] 2002: 124)

Em acordo com tal recomendação, crê-se apropriada a utilização do conceito de *cronotopo* como instrumento relevante para se proceder à análise linguística, dada a sua capacidade de reunir as dimensões de tempo e espaço literários “em um todo inteligível e concreto”², colaborando para o processo de assimilação de tempos e espaços históricos e reais em literatura. Examinar mais profundamente o conceito de cronotopo, como se fará adiante, pode esclarecer sua condição de ponto de contato entre o literário e o real, elo que ajuda a desvendar a íntima ligação entre a interação verbal e as condições comunicacionais e sociais de sua realização.

Cronotopo, fusão de tempo e espaço

Segundo Fiorin (2006), o conceito de cronotopo, formado pelas palavras gregas *crónos* (tempo) e *tópos* (espaço), foi criado por Bakhtin para estudar como as categorias de tempo e espaço estão representadas nos textos. Ainda de acordo com esse autor, os cronotopos são uma categoria conteudístico-formal e brotam de uma cosmovisão, determinando a imagem do homem na literatura, pois constituem uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, lugares que estão em interação mútua. (FIORIN, 2006: 133)

Bakhtin introduz esse conceito em sua obra ‘The dialogic imagination’ ([1975] 1988), no ensaio ‘Forms of time and of the chronotope in the novel’³, definindo-o e revelando a origem do termo:

Nós daremos o nome de cronotopo (literalmente, "espaço-tempo") para a ligação intrínseca das relações temporais e espaciais que são artisticamente expressas na literatura. Este termo (tempo-espaço) é empregado em matemática, e foi introduzido como parte da Teoria da Relatividade de Einstein. O significado especial que ela tem na teoria da relatividade não é importante para nossos propósitos, estamos tomando-o emprestado para a crítica literária quase como uma metáfora (quase, mas não totalmente). O que conta para nós é o fato de que ele expressa a inseparabilidade do espaço e do tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço) Entendemos o cronotopo como categoria formalmente constitutiva da literatura, não vamos lidar com o cronotopo em outras áreas da cultura. (BAKHTIN, [1975] 1988: 84)⁴

² Tradução livre de: *In the literary artistic chronotope, spatial and temporal indicators are fused into one carefully thought-out, concrete whole.* (BAKHTIN, 1988: 84)

³ Trad. ‘A imaginação dialógica’ (1988), no ensaio ‘Formas de tempo e do cronotopo no romance’.

⁴ Tradução livre de: *We will give the name chronotope (literally, “time space”) to the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships that are artistically expressed in literature. This term (space-time) is employed in mathematics, and was introduced as part of Einstein’s Theory of Relativity. The special meaning*

A se considerar, conforme proposta de Bakhtin, o cronotopo como categoria constitutiva do texto literário - por nele se expressar a fusão tempo/espaço e assim determinar a imagem do homem na literatura - além de vínculo entre o mundo real e o imaginário, acredita-se que tal conceito possa ser utilizado em atividades de leitura e interpretação de textos em sala de aula em nossos dias, pois se apresenta como forma de descobrir as relações entre determinada enunciação e as condições sociais em que ela foi produzida, colaborando para ampliar a compreensão de sentidos possíveis para a materialidade discursiva.

O que se propõe neste artigo é planejar uma atividade didática que tenha por objetivo aplicar o cronotopo como instrumento de análise do gênero conto, aqui representado pela obra *Uma galinha*, de Clarice Lispector, com o objetivo de explorar possibilidades de significação nela contidas. Ao observar nesse texto literário as dimensões de espaço e tempo - por meio da análise dos respectivos marcadores discursivos - e estabelecer relações entre essa enunciação e a situação em que ela foi produzida, espera-se descobrir novos sentidos.

Sequência didática como inspiração

Para propor uma atividade de leitura e interpretação em que se possa utilizar a noção de cronotopo como auxiliar na compreensão de um texto, nesse caso pertencente ao gênero conto, buscou-se inspiração nas ‘sequências didáticas’ de Dolz e Schneuwly (2004: 97, 98), definidas como conjuntos de “atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” que serviriam para “dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.” Os autores creem que, quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação, portanto, produzimos textos orais e escritos que são diferentes uns dos outros porque são produzidos em condições diferentes, constituindo gêneros de textos distintos.

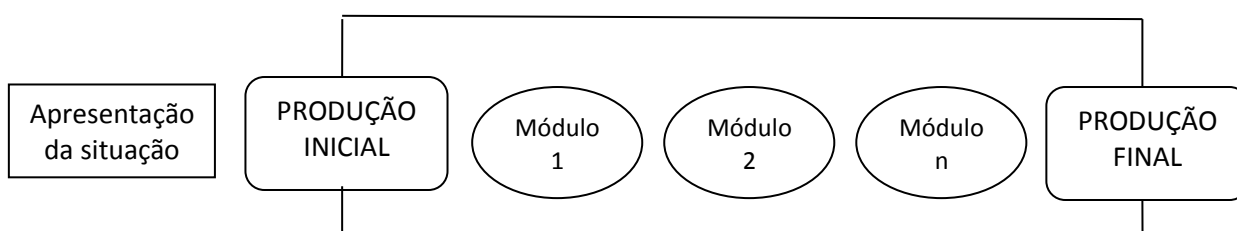
Dolz e Schneuwly (2004: 23) adotam a concepção bakhtiniana de gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados em cada esfera de troca social, caracterizados por conteúdo temático, estilo e construção composicional e propõem que a

it has in relativity theory is not important for our purposes; we are borrowing it for literary criticism almost as a metaphor (almost, but not entirely). What counts for us is the fact that it expresses the inseparability of space and time (time as the fourth dimension of space) We understand the chronotope as a formally constitutive category of literature; we will not deal with the chronotope in other areas of culture.

escolha dos gêneros a serem abordados em sala de aula seja feita de forma a estabelecer uma progressão que garanta a otimização da aprendizagem. Dolz e Schneuwly (2004: 64) também adotam as concepções bakhtinianas de linguagem como mediadora das práticas sociais - o que significa dizer que não temos acesso direto ao real a não ser através da linguagem – e de gêneros como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação, pois permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem. Para esses autores, os gêneros abrem uma ‘porta de entrada’ para as práticas de linguagem, pois eles têm um caráter articulador entre estas últimas e a atividade dos aprendizes. A hipótese de que os autores partem é a de que: “é através dos gêneros que as práticas de linguagem se materializam nas atividades dos aprendizes”. (2004: 62)

Escolhido então o procedimento das sequências didáticas, considerado apropriado pelos vários pontos de convergência entre as ideias dos autores até aqui discutidos, acrescenta-se também que essa metodologia permite, por parte do professor, uma postura de observação inicial; de intervenção quando o observador detecta problemas; de redirecionamento quando necessário; e de avaliação formativa, isto é, que detecte o problema particular de cada aluno e oriente-o ao procedimento adequado. Seguem um esquema bastante sintético de uma ‘sequência didática’ (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004: 98), na Figura 1, e uma breve sugestão de como utilizá-la para estudar o cronotopo no conto *Uma galinha*, de Clarice Lispector, em uma aula que poderia ser ministrada a alunos do Ensino Médio.

Figura 1: Apresentação esquematizada de uma Sequência Didática



A sugestão é apresentar aos alunos o conceito de cronotopo, categoria conteudístico-formal em que se fundem as dimensões de tempo e espaço, como forma de examinar a ligação entre o universo real e o discursivo, isto é, observar no texto estudado como ocorre discursivamente essa dimensão tempo-espacial e tentar estabelecer, a partir do

conhecimento da situação e das condições de produção de tal texto, uma possível conexão entre o universo discursivo e o universo real. Considerando a proposta de Bakhtin de que a prática de linguagem reflete a sociedade, procura-se encontrar as fendas por onde se amarram esses dois tecidos, o da linguagem e o do real.

Seria indicado, como forma de apresentar e ilustrar o conceito, citar e indicar a pesquisa na obra de Fiorin (2006), um dos autores que se empenhou em divulgar os conceitos bakhtinianos para os pesquisadores brasileiros, pois ele apresenta o conceito de cronotopo de forma bastante objetiva, conforme se reproduz a seguir:

As pessoas organizam o universo de sua experiência imediata com imagens do mundo, criadas a partir das categorias de tempo e espaço, que são inseparáveis. (...) Para estudar a natureza das categorias de tempo e espaço representados nos textos, Bakhtin cria o conceito de cronotopo, formado das palavras gregas crónos (= tempo) e tópos (= espaço). Os textos literários revelam-nos os cronotopos de épocas passadas e, por conseguinte, a representação do mundo da sociedade em que eles surgiram. Figura-se o mundo por meio de cronotopos, que são, pois, uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, que estão em interação mútua. O cronotopo brota de uma cosmovisão e determina a imagem do homem na literatura. A relação entre espaço e tempo é indissolúvel. (FIORIN, 2006: 133)

A apresentação da teoria pode ser seguida pela sugestão de leitura da exemplificação do cronotopo, ainda em Fiorin (2006), que expõe as ideias de Bakhtin sobre o cronotopo do romance de aventura de provações, um tipo de obra que se desenvolveu entre os séculos II e VI de nossa era, foi utilizado na grande literatura até o século XVIII, e ainda hoje pode ser identificado na literatura de massa ou similares, como as telenovelas. Fiorin resume o cronotopo de um romance de aventura como “um mundo estranho num tempo de aventuras”. (2006: 135) O espaço é variado - o romance pode se desenrolar em diversos países - e, no tempo, há um ponto de partida - o encontro de dois jovens e a paixão que nasce entre eles - e um ponto de chegada - o casamento desses jovens. O romance se constrói no intervalo entre esses dois pontos: a série de obstáculos que retarda a união do casal, mas que são finalmente superados até o derradeiro ‘felizes para sempre’.

Como complementação da etapa de Apresentação da situação, poderia haver a sugestão de pesquisa pelos alunos sobre a obra *Dáfnes e Chloé*, escrita entre os séculos II e III, exemplo de romance de aventura e provações apresentado por Fiorin (2006: 134) para

o estudo do cronotopo. Uma busca rápida pelos meios eletrônicos poderia trazer uma ideia geral da temática da obra, do provável autor e de algumas características do meio social em que ocorreu sua produção.

Como Produção oral inicial, a sugestão seria o que os alunos escolhessem uma telenovela em cartaz e procurassem identificar como estão nela representadas as categorias de tempo e espaço e como o autor utiliza tais categorias para estabelecer uma ligação entre a trama telenovelesca e a vida real. O professor poderia organizar um roteiro de perguntas que orientasse os alunos a identificar a variação de espaços e as marcas de passagem de tempo, incentivando a comparação de estruturas entre a obra atual e o cronotopo do romance de aventura.

A partir do resultado dessa produção oral inicial, o professor prepararia Módulos de atividades e exercícios que pudessem auxiliar os alunos a diminuir suas dificuldades em identificar e classificar índices de tempo e espaço, além de treinar a pesquisa das condições de produção das obras, ressaltando a importância de conhecer o contexto e a situação em que as obras foram produzidas e observando como os marcadores discursivos de tempo e espaço constituem materialidade textual que entrelaça o real e o imaginário.

Como produção final, a proposta seria realizar a leitura e a interpretação do conto *Uma galinha*, de Clarice Lispector, identificando nele indicadores das dimensões de tempo e espaço, cuja fusão pode caracterizar uma forma específica de cronotopo para esse conto, ou mesmo para vários contos dessa autora, ou ainda para contos de outros autores produzidos na mesma situação sócio-histórica.

Realizar a totalidade dessa proposta é tarefa maior que este artigo, entretanto segue uma possibilidade de análise do conto em questão, em que se escolhem alguns marcadores discursivos significativos para relacioná-los a um resumido estudo da situação de produção e sugerir como ocorre a conexão entre o mundo real e o mundo imaginário criado por Clarice Lispector.

Breve análise de *Uma galinha*, de Clarice Lispector

A escolha deste conto de Clarice Lispector deveu-se à sua representatividade na cena literária brasileira, justificada, entre outras razões, por fazer parte de diversas coletâneas, entre elas *Os cem melhores contos brasileiros do século*, seleção e organização de Italo Moriconi (2001), obra de onde foi transcrita a versão que consta do ANEXO deste artigo.

O organizador relaciona *Uma galinha* entre os contos dos *Anos 60*, com o subtítulo *Conflitos e desenredos* e, no texto introdutório dessa sessão, faz uma apresentação que define brevemente o clima da época e suas repercussões no fazer literário, segmento reproduzido abaixo por servir ao propósito deste artigo de desvendar a conexão entre meio social e enunciação e seu papel na construção de sentidos.

Se o clima dos anos 60 foi de revolução em todos os quadrantes do mundo e dimensões da vida, devemos incluir aí a tremenda explosão de qualidade no campo da ficção curta brasileira. São desta década algumas das realizações máximas do gênero em nosso país. Contos de Clarice Lispector e Rubem Fonseca, por exemplo, legam modelos narrativos que vão influenciar todas as gerações seguintes de escritores. Os contos dos anos 60 falam de nossa contemporaneidade, quase sempre urbana, agitada por conflitos psicológicos e sociais. Desenredam-se laços, tradições. Homens e mulheres se dilaceram em conflitos de identidade. Não há mais lugar para a inocência, o lirismo puro. Ficamos mais adultos. Os leitores inclusive. Querem mais narrativas que traduzam com força dramática e riqueza metafórica as cruzeiras do real. A literatura brasileira nunca mais será a mesma depois do vendaval dos 60. (MORICONI, 2001: 193)

Para estabelecer uma relação entre esse mundo real, descrito por Moriconi (2001) e habitado por Clarice Lispector, e a materialidade textual de *Uma galinha*, por meio do cronotopo, passa-se a examinar brevemente algumas categorias de tempo e espaço presentes no conto para compreender que imagem de ser humano elas ajudam a construir. No início da narrativa, a ‘galinha’ do título é flagrada *Ainda viva* no espaço doméstico, *num canto da cozinha* (linha 3 do ANEXO), lugar restrito em que se encontrava desde o dia anterior, aguardando para ser preparada para o almoço de domingo, conforme se vê no exemplo 1:

(1) Era uma galinha de domingo. *Ainda viva* porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se *num canto da cozinha*. (linhas 1 a 3 do Anexo)

Um caminho que pode surgir ou mesmo ser sugerido aos participantes da análise é considerar a personagem *galinha* como metáfora do ser humano real, mais especificamente da mulher dos anos 60, cuja imagem é construída em cima dos estereótipos da ‘dona de casa’ e da ‘mãe de família’, geralmente encontrada no ambiente doméstico, do qual se espera que ela não empreenda *grandes vôos*. Seguindo esse direcionamento, pode-se

observar a primeira quebra do fluxo narrativo, como aparece no exemplo 2, quando ocorre a tentativa inesperada de fuga dessa vacilante personagem, cujas *asas de curto vôo*⁵ não levam para muito longe:

(2) Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as *asas de curto vôo*⁵, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. (linhas 7 e 8 do Anexo)

Como ocorreu com algumas mulheres reais que viveram os revolucionários anos 60 e tentaram, sem muito apoio, distanciar-se do estereótipo de ‘rainha do lar’, a personagem literária, ainda hesitante, experimenta a liberdade entre os telhados do quarteirão. Porém o *dono da casa* começa a persegui-la e, em decorrência da insegurança e do desamparo dessa galinha/mulher em sua fuga do ambiente doméstico, ela se torna presa fácil de seu perseguidor, conforme se lê no exemplo 3, em que se pode entrever a mulher real pouco estimulada em suas decisões de se afastar do lar, reconduzida a ele pelo *caçador adormecido*:

(3) De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um *caçador adormecido*. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado. (linhas 16 a 20 do Anexo)

Imediatamente após esse retorno não tão tranquilo da galinha/mulher ao lar, carregada *por uma asa* (linha 31) e *pousada no chão da cozinha com certa violência* (linha 32), quando se imagina que o fluxo narrativo voltará a seu estado inicial de calma em que a rotina é restabelecida, o marcador temporal *Foi então que aconteceu*, do exemplo 4, inicia um hiato que suspende o tempo literário e proporciona uma abertura ao imprevisto.

(4) *Foi então que aconteceu*. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. (linhas 34 a 36 do Anexo)

⁵ A grafia vôo, bem como o texto integral do corpus, é anterior ao Novo Acordo Ortográfico, e foi mantida por fidelidade ao texto da edição da qual o conto foi transcrito. (MORICONI, 2001)

Usando a nomenclatura de Bakhtin ao descrever o cronotopo do romance de aventura, (1988), esses segmentos de tempo que constituem um hiato temporal no fluxo narrativo do conto são introduzidos por palavras de ligação (*link-words*) específicas - como ocorre neste caso com *Foi então que aconteceu* - assinalando o ponto em que o curso normal, premeditado dos eventos é interrompido, propiciando uma abertura ao acaso com sua lógica específica.

A postura do ovo, que aqui também pode ser interpretada como metáfora da maternidade, rompe com o fio narrativo e muda, ao menos temporariamente a 'sorte' da galinha/mulher, que é poupada da panela e torna-se a *rainha da casa* (linha 55) – denominação bem próxima à de 'rainha do lar' muito utilizada nas décadas de cinquenta e sessenta no Brasil para definir a mulher que se dedicava exclusivamente a cuidar da casa e dos filhos. Na vida real também se pode dizer que a maternidade abre um hiato na vida da mulher, conferindo-lhe valorização e respeito por conta da função que desempenha.

O hiato textual se encerra com o indicador temporal *Até que um dia* (exemplo 5), que retoma o fio narrativo anterior, sugerindo que, apesar dos dias gloriosos da parturiente, há um retorno dela ao destino natural das galinhas, do qual a personagem não teria fugido, mas apenas se afastado, pois acabaram matando-a e comendo-a. O marcador final *passaram-se anos* (exemplo 5) dá a entender que por muito tempo a rotina restabelecida permaneceu sem alterações. Relacionando o imaginário ao real, fica a insinuação de que a vida real também é feita mais de rotinas do que de episódios de alta tensão dramática como é o nascimento de um filho, mesmo em se tratando dos revolucionários anos 60, com todos os seus conflitos existenciais.

(5) *Até que um dia* mataram-na, comeram-na e *passaram-se anos*. (linha 68 do Anexo)

Para complementar a análise, poderia ser sugerido aos alunos que encontrassem uma denominação coerente do cronotopo desse conto, levando em conta a forma como nele são estruturadas as dimensões de tempo e espaço para construir uma imagem humana imaginária em conexão com o real. As possibilidades são muitas, e podem ser motivo de debates acalorados, mas ainda assim produtivos e surpreendentes, como ocorre tantas vezes nos experimentos pedagógicos. Cabe ainda um espaço para a avaliação da atividade,

que, como sugerem Dolz e Schneuwly (2004), deve ser formativa, detectando problemas e orientando ao procedimento adequado.

Considerações finais

Os estudos bakhtinianos sobre a linguagem, pela orientação que ofereceriam a alunos de diferentes níveis, não podem ficar restritos à pesquisa acadêmica, até porque eles se referem a um discurso vivo, concreto, enunciado no fazer literário, mas também expresso na prática cotidiana. Essa sugestão de análise, que de forma nenhuma esgota suas possibilidades neste artigo, é argumento em favor do uso do cronotopo - instrumento investigativo da organização dos enunciados como reflexo do meio social em que se inserem - na prática escolar de nossos dias.

Apesar dos limites da análise realizada, acredita-se ter sido possível expressar a pertinência de estabelecer, por meio do estudo dos marcadores discursivos de tempo e espaço presentes no texto literário e da pesquisa sobre a situação sócio-histórica em que ele foi produzido, a conexão existente entre o literário e o real, descobrindo, assim, outras formas de produção de sentido e funcionamento discursivo.

ANEXO

Uma galinha - Clarice Lispector

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da cozinheira dar um grito – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta hesitante e trêmula escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a

tomar sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração tão pequeno num prato solejava e abaixava as penas enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento despregou-se do chão e saiu aos gritos:

- Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

- Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

- Eu também! Jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga – e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277 – 289.

_____. Forms of time and of the chronotope in the novel. In: BAKHTIN, M. *The dialogic imagination: four essays*. Trad. Caryl Emerson, Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, [1975] 1988, p. 84 a 258.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10 ed. São Paulo: HUCITEC, [1929] 2002.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2ª. ed. revista. Campinas: Editora UNICAMP, 2006, p. 87 a 98.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

MORICONI, Italo. (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SCHNEWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. (e colaboradores) *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Trad. e Org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.